

**AS METÁFORAS DA MORTE:  
UM PASSEIO LITERÁRIO E MUSICAL**

Urandi Rosa Novais (CODAP-UFS e UFBA)

[urandinovais@gmail.com](mailto:urandinovais@gmail.com)

Ariadne Domingues de Almeida (UFBA)

[ariadnealmeida@uol.com.br](mailto:ariadnealmeida@uol.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho traz a campo algumas investigações acerca da conceptualização da morte através do processo metafórico. Partindo da Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980), e outros trabalhos científicos acerca da Semântica Cognitiva. Analisamos as expressões metafóricas da morte presentes nos textos: *Venha ver o pôr do sol*, de Lygia Fagundes Telles (2009); *Dama da noite*, de Caio Fernando Abreu (2010); e *Canto para minha Morte*, de Raul Seixas (1976). Nesse estudo, as metáforas foram abordadas não como um ornamento de linguagem, ideia defendida pelos estudos retóricos, mas como um importante instrumento de cognição, interpretação e entendimento da realidade que nos circunda, levando em consideração os domínios conceptuais: fonte e alvo. Dessa forma, percebemos o quanto os processos metafóricos têm a contribuir no estudo acerca da conceptualização, ou seja, as formas como nos posicionamos em diversos contextos, produzimos e interpretamos os sentidos sobre o mundo que nos cerca.

**Palavras-chave:**

Conceptualização. Metáfora. Morte. Domínios Fonte e Alvo.

**1. Introdução**

Baseados na teoria da metáfora proposta por Lakoff e Johnson (1980), este trabalho traz a campo a análise de três produções artísticas, com o intuito de investigar como a conceptualização da morte está presente nelas através das expressões metafóricas da morte. Embora ainda impere uma visão dos estudos retóricos tradicionais acerca da metáfora nos dias de hoje, esse trabalho a aborda enquanto elemento conceitual da própria linguagem, e não apenas enquanto um elemento ornamental da retórica. Pois, como afirmam Santos e Costa (2009, s/p):

(...). A metáfora por ser conceitual, é compreendida como tendo grande influência em boa parte do pensamento e do raciocínio humano, constatando-se, assim, os pressupostos até então estabelecidos de que toda linguagem

convencional é literal ou de que apenas a linguagem literal pode ser falsa ou verdadeira, quando nos referimos à questão de mundo.<sup>20</sup> (SANTOS; COSTA, s/p)

Sendo assim, ao realizar esse estudo, partimos dos pressupostos de que as construções metafóricas desempenham importante papel para compreendermos que conceitos abstratos, geralmente, podem ser articulados a experiências concretas, possibilitando-nos entender a metáfora não apenas como um artefato retórico, uma figura de linguagem, mas, principalmente, como uma importante ferramenta de construção de sentido, ou seja, uma maneira de compreendermos o mundo que nos cerca.

Segundo Zanotto (1998),

A metáfora é considerada uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento, e sua interpretação passa a merecer atenção especial, por envolver o desenvolvimento do raciocínio analógico e da capacidade interpretativa. (ZANOTTO, 1998, p. 10)

Reconhecemos, por isso, a importância da metáfora para a compreensão e entendimento de diversos fenômenos da linguagem, como também de interpretação do contexto em que estamos inseridos. Diariamente, usamos expressões metafóricas para conceituar as nossas vivências, por exemplo, “fulano é uma pessoa de *duas caras*”; “nossa, hoje a professora está *uma fera*”; “fulano *descansou do sofrimento* (morreu). No terceiro exemplo, a morte é vista como um descanso, principalmente quando a pessoa está enferma, dependendo dos cuidados de outras pessoas. Os exemplos citados nos mostram o quanto recorremos a metáforas conceituais para conceptualizar, ou seja, entender determinadas situações.

O *corpus* utilizado para a realização desse trabalho consiste em dois contos: *Venha ver o pôr do sol*, de Telles (2009); *Dama da noite*, de Abreu (2010); e a música *Canto para minha morte*, de Raul Seixas (1976). O material utilizado apresenta diversas construções metafóricas acerca da morte, possibilitando-nos comprovar algumas ideias acerca das expressões metafóricas da morte: a morte como viagem, a morte personificada, a morte enquanto solidão e silêncio, entre outras possibilidades de conceptualizar a morte através do estudo dos processos metafóricos que os textos analisados nos possibilitam apreender.

---

<sup>1</sup> A referida citação está sem página, porque o arquivo utilizado está disponível no formato digital e não apresenta paginação.

## 2. Histórico da metáfora

Atualmente, ainda nos deparamos com o conceito retórico antigo de metáfora, num entendimento acerca da definição dada por Aristóteles (2008), em sua *Poética*.

A metáfora, escreveu Aristóteles, consiste em dar a uma coisa o nome de outra. Dizer que uma coisa é ou parece outra que não ela mesma é uma operação mental tão antiga quanto a filosofia e a poesia, e é a origem da maioria dos tipos de saber, inclusive o científico, e de expressividade. (SONTAG, 1989, p. 09)

A teoria aristotélica aborda o conceito de metáfora como figura de retórica, usada unicamente como um ornamento, uma figura de linguagem. Essa teoria durou mais de 23 séculos quase como um dogma que pouco se contestava. E, atualmente, deparamo-nos com a ideia de metáfora apenas como um recurso estilístico, um embelezamento nas práticas de linguagem, principalmente nos estudos literários que a veem a metáfora como tal. Mas não só a área da literatura estuda a metáfora pelos preceitos aristotélicos.

É perceptível que algumas gramáticas abordam a metáfora apenas como uma figura de linguagem ou recurso estilístico. Bechara (2009, p. 782-3), em sua *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*, apresenta a metáfora numa categoria de “Estilística semântica, ou seja, a significação ocasional e expressiva de certas palavras, no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou tropos (metáfora e metonímia)”. Alguns dicionários apresentam essa mesma visão como podemos ver nos exemplos a seguir: o dicionário online *Michaelis* apresenta a metáfora como: “Figura de linguagem em que uma palavra que denota um tipo de objeto ou ação é usada em lugar de outra, de modo a sugerir uma semelhança ou analogia entre elas; translação (por metáfora se diz que uma pessoa bela e delicada é uma flor”.

Embora ainda hoje nos deparemos como essa visão acerca da metáfora, desde os anos de 1970, esse conceito tem sido questionado, pois da maneira como a metáfora era vista antes, suas implicações não eram levadas em consideração, principalmente no que diz respeito à ausência do valor cognitivo que está presente nos processos de metaforização e na determinação e entendimento de sentidos.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), no livro *Metaforas de la vida cotidiana*, a metáfora ganhou essa visão errônea de simples ornamento, ou figura de linguagem sem função informativa por conta do mito do objetivismo, que dominou a cultura ocidental, e em particular, a filosofia

ocidental, dos pré-socráticos até os dias de hoje. Segundo Zanotto, para esses autores o objetivismo é:

Um termo genérico, que engloba o racionalismo Cartesiano, o empirismo, a Filosofia Kantiana, o Positivismo Lógico, etc. Em suma, ele abrange todas as correntes da filosofia ocidental em que houve a hegemonia da razão e um medo do sentimento e da imaginação. Nesse contexto, a metáfora e outras espécies de linguagem figurada deveriam ser sempre evitadas quando se pretendesse falar objetivamente.

No entanto, com a virada paradigmática que vem ocorrendo nos últimos vinte e cinco anos, a metáfora está sendo reconhecida como um importante instrumento de cognição, que desempenha um papel central nos nossos processos perceptuais e cognitivos. (ZANOTTO, 1998, p. 14-5)

Diante disso, fica claro o quanto os estudos de Lakoff e Johnson (1980) contribuíram para o questionamento acerca desse objetivismo, pondo em xeque alguns preceitos desse mito que, anteriormente, teve forte influência dos estudos de Chomsky. Este acreditava que a cognição humana poderia ser estudada independentemente das influências corpóreas ou do meio que nos cerca. A teoria dele estava pautada da seguinte forma: a mente dividida em módulos, e havia um módulo específico que ele denominava de gramática universal. Para Santos e Costa (2009), esse conceito nos levaria à hipótese do inatismo em relação à linguagem, ou seja, os produtos da mente poderiam ser descritos e analisados de forma isolada, retirando-os do contexto, como também excluindo as experiências do corpo, ratificando a visão de Descartes que havia sugerido um modo racional e objetivo de interpretar o mundo que nos cerca.

Os estudos de Lakoff e Johnson (1980) questionaram esse objetivismo de interpretar o mundo, levando em consideração outros aspectos que contribuem para o nosso entendimento e interpretação de mundo. Para eles, a dualidade mente e corpo, cai por terra, pois, é a partir da experiência que temos com as coisas que as nomeamos, ou seja, a mente é corporificada. Além do mais, foi graças aos estudos deles que a metáfora ganhou um novo conceito, sendo estudada não apenas como uma figura de linguagem, mas como um instrumento de entendermos os nossos processos de cognição, produção e interpretação de sentidos.

Para eles, a metáfora não é apenas uma questão de linguagem, pelo contrário, os processos de pensamento humano são, em grande maioria, metafóricos, ou seja, o sistema conceptual humano está estruturado e se define de uma maneira metafórica. As metáforas existem como expressões linguísticas e são possíveis porque fazem parte do sistema conceptual de uma pessoa. (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

A fim de exemplificar esse conceito de metáfora, eles apresentam diversos exemplos do cotidiano em que a metáfora se constitui a partir das experiências que temos. Além do mais, eles até confrontam a questão do contexto em que o processo metafórico seja construído. Vejamos:

Para dar uma ideia do que poderia significar que um conceito é metafórico e que esse conceito estrutura nossa vida cotidiana, comecemos com o conceito de discussão (argumento) e a metáfora conceitual: *UMA DISCUSSÃO É UMA GUERRA*. Essa metáfora se reflete em nossa linguagem cotidiana em uma ampla variedade de expressão. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 40)

Essa metáfora se constitui enquanto tal porque para entendermos o conceito de discussão nos baseamos na experiência do que é a guerra, mesmo não tendo experienciado uma, mas sabemos por outras experiências, jornal, narrativas literárias, fotografias que retratam a guerra. Numa discussão, apresentamos o nosso argumento e o defendemos, atacamos o argumento do outro, caso o nosso não seja bem aceito, mudamos a estratégia e assim por diante. Outro exemplo pertinente é “Defender uma tese, uma dissertação”, a pessoa apresenta suas ideias e as defende da banca que a argui.

Mas, os teóricos deixam claro que essa noção de *discussão ser uma guerra* pode variar, a depender do contexto e da cultura. Imaginemos que, em um determinado lugar, as pessoas vejam a discussão como uma dança e começam a estabelecer relações entre algumas características da dança, para construir metáforas que esclareçam o sentido de discussão. Citamos aqui uma metáfora que acreditamos ser plausível para ilustrar nossa fala: *Discussão é como dançar um tango*. Partimos do entendimento que temos acerca do tango, uma dança sensual, que se dança a dois, e ninguém discute sozinho; outro elemento é o olho a olho, para demonstrar a sintonia e sedução, elemento que numa discussão também são plausíveis, pois para nós o falar olhando no olho remete à segurança, ou seja, a pessoa tem convicção daquilo que fala.

Lakoff e Johnson (1980) defendem a ideia de que a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em função de outra, para isso a metáfora é entendida da seguinte forma: usamos um mapeamento entre dois domínios conceituais, o domínio-fonte e o domínio-alvo, este, geralmente, é mais abstrato e aquele mais concreto. No exemplo dado anteriormente, *Discussão é guerra*, *Discussão* é o domínio-alvo e *guerra* é o domínio-fonte.

Sendo assim, após termos traçado um breve histórico da metáfora, seus princípios e características, mas principalmente seu conceito mais

científico, garantido pelas discussões e estudos de Lakoff e Johnson (1980), analisamos as expressões metafóricas da morte nos textos abordados nessa pesquisa. Pois esse é o nosso propósito: a partir de três textos, investigar como a morte é conceptualizada, baseando-nos nas metáforas presentes nas referidas obras, e levando em consideração a visão de morte que se tem no ocidente, principalmente na metáfora que Lakoff e Johnson (1980) estabelece nos seus estudos: *A MORTE É UMA VIAGEM*.

Deparamo-nos várias vezes com outras exemplificações que ratificam a veracidade dessa metáfora como, por exemplo: *fulano fez a passagem; beltrano viajou para o céu; ai, ai quando fulano morrer vai direto para o inferno*. Não só essa metáfora, mas outras também serão abordadas e analisadas a fim de refletirmos como a morte é conceptualizada nos textos abordados.

### ***2.1. Venha ver o pôr do sol: a beleza da morte***

*Venha ver o pôr do sol* é um conto da ficcionista Lygia Fagundes Telles (2009), publicado na coletânea *Antes do Baile Verde*, publicada em 1970<sup>21</sup>. O enredo narra a história de Raquel que é trancada numa catacumba por seu ex-namorado Ricardo para que ela morra, apreciando o pôr-do-sol. A narrativa nos apresenta várias expressões metafóricas da morte, que são constituídas de diversas maneiras.

O próprio título do conto já nos é sugestivo para entender o processo metafórico, *MORTE É O FIM*, pois o pôr-do-sol, além de ideia de deslocamento, marca o fim do dia, dando espaço à chegada da noite, escura, sombria. E, no conto analisado, ele representa o fim da vida da personagem Raquel. Essa metáfora está presente em outras exemplificações cotidianas com as quais nos deparamos, principalmente quando se trata de pessoas que não seguem nenhuma religião. Para elas a vida se encerra com a morte, ou seja, o fim de tudo, o ponto final de sua história.

Outro elemento metafórico que nos remete à morte na narrativa de Telles (2009) é o ambiente em que se passa a história, um cemitério, pois Ricardo convida Raquel para assistir ao mais belo pôr-do-sol, este só pode ser visto de um determinado ponto do cemitério. “Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o

---

<sup>2</sup> Embora a primeira edição tenha sido lançada em 1970, nesse trabalho utilizamos uma reedição publicada em 2009 pela Companhia das Letras.

pôrdo sol mais lindo do mundo” (TELLES, 2009, p. 136). No entanto, a conceptualização de cemitério apresentada na narrativa é diferente daquela com a qual estamos acostumados a nos deparar. Pois, na maioria das vezes, como afirma Morin (1976), em *O homem e a morte*, os sepulcros, cemitérios, urnas fúnebres são, de determinada forma, uma sequência da vida, mesmo morta. O cemitério é onde visitamos os nossos defuntos, rendemos homenagens, é como se fosse uma tentativa vã de imortalização. No entanto, o cemitério representado no conto está abandonado, distante, vazio, como podemos perceber nas seguintes passagens da narrativa:

(...). Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo. (...).

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rochões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. (...).

Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. (...). Esta, a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso. (TELLES, 2009, p. 137-8; 139)

Os trechos da narrativa nos fazem conceber a metáfora *MORTE É ESQUECIMENTO*, pois fica claro que a atmosfera que circunda a narrativa nos mostra a morte como esquecimento, o cemitério abandonado dá a ideia de que quem ali fora enterrado está esquecido e jamais será lembrado. E esse é o intuito de Ricardo, fazer com que Raquel morra naquele lugar e também seja esquecida e abandonada.

Outra metáfora presente no texto é *MORTE É VIAGEM*, que tanto Lakoff e Johnson (1980) quanto Morin (1976) conceptualizam. Para Morin (1976, p. 23) “há um outro passaporte sentimental, que não é objeto de qualquer metodologia, de qualquer classificação, de qualquer explicação, um passaporte sem visto, mas que encerra comovedora revolução: a sepultura, isto é a preocupação pelos mortos, ou seja, a preocupação com a morte”. Ao falar de passaporte já nos remete a viagem. E essa metáfora se constrói na seguinte passagem da narrativa: “(...). Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão. As pontes foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta” (TELLES, 2009, p. 141).

A palavra ponte sugere caminho, lugar que serve para uma passagem, alguém pode passar por uma ponte quando faz uma viagem. Nesse

mesmo trecho há a possibilidade de estudo de outras metáforas: *MORTE É SOLIDÃO*, e *MORTE É ISOLAMENTO*. Para isso, recorremos aos domínios discursivos<sup>22</sup> em que morte é o domínio-alvo e solidão e isolamento são os domínios-fonte. A partir das nossas experiências físicas e mentais sobre solidão e isolamento conceptualizamos a morte que está sendo representada no texto de Telles (2009).

A narrativa é encerrada, abrindo espaço para explorarmos outros processos metafóricos acerca da morte: *MORTE É CRUELDADE*, pois Ricardo tranca Raquel numa catacumba para que ela morra abandonada. Isso demonstra a crueldade com que a moça é assassinada. A outra metáfora é: *MORTE É DESESPERO*, *É SILÊNCIO*, como podemos perceber na seguinte passagem do conto:

Voltando ainda para ela, ele chegou até a porta e abriu os braços. Foi puxando as duas folhas escancaradas.

– Boa noite, meu anjo.

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrecrocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano.

– Não...

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar moritório. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. (...) (TELLES, 2009, p. 143-4)

Pela passagem do conto, podemos entender as construções metafóricas a partir dos domínios-fonte: a crueldade pela maneira como Ricardo assassina Raquel, de forma perversa, deixando-a trancada para morrer lentamente; o desespero presente nos gritos medonhos e inumanos a clamar por socorro; e, o silêncio que se dá pelo sufocamento da voz de Raquel pelo cansaço e certeza da morte que a silencia vagarosamente. A morte a espreita e a envolve em seu negro manto sob a beleza do crepúsculo do pôr-do-sol.

---

<sup>3</sup> Segundo Miranda (2009), os domínios conceptuais são conjuntos de conhecimentos prévios e estruturados social e culturalmente produzidos, relativamente estáveis e que podem ser identificados e evocados em eventos discursivos e são flexíveis conforme as necessidades da instanciação. Kovecses *apud* Miranda (2009) descobriu que os domínios-fonte mais comuns no mapeamento metafórico são relacionados ao corpo humano, animais, plantas, comidas e força; e os domínios-alvo mais comuns incluem categorias conceptuais como emoção, moralidade, pensamento, relações humanas e tempo.



## 2.2. DAMA DA NOITE: a doença como metáfora da morte

*Dama da noite*, conto do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu (2010), é uma narrativa publicada na antologia *Os dragões não conhecem o paraíso*. Esse livro foi lançado em 1988<sup>23</sup>. Vale ressaltar que os textos que compõem essa obra foram produzidos entre os anos 1980 a 1987, período em que o Brasil sofria não só com o regime da Ditadura Militar, mas também com os casos da AIDS que começaram a surgir a amedrontar a sociedade daquela época.

É sabido que de início, a AIDS ficou conhecida como câncer gay, pois, para os religiosos convictos, a doença nada mais era do que um castigo divino para aqueles que cometiam a pederastia, a sodomia. Além do mais, os primeiros casos foram registrados em pessoas homossexuais, o que alimentava ainda mais o estereótipo. Essa ideia só passou a ser questionada quando pessoas heterossexuais começaram a apresentar quadros clínicos da doença. E, ainda hoje, infelizmente, algumas pessoas sem muito conhecimento atribuem o vírus da AIDS como uma doença de gays. A própria mídia divulga que esse grupo é de risco, por adotar um comportamento sexual de muitos parceiros, ou seja, os elegem como promíscuos, entre outros argumentos pejorativos e estereotipados. Além do mais, como afirma Sontag (1989), ao usar desse discurso:

(...). A metáfora dá forma à visão de uma doença particularmente temida como um outro alienígena, tal como o inimigo é encarado nas guerras modernas; e a transformação da doença em inimigo leva inevitavelmente à atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele continue sendo encarado como vítima. A ideia de vítima sugere inocência. E inocência, pela lógica inexorável que rege todos os termos relacionais, sugere culpa. (SONTAG, 1989, p. 15-16)

Traçamos esse breve contexto, pois acreditamos que ele seja necessário para o entendimento das construções metafóricas construídas no texto, e para que elas sejam compreendidas é necessário que o situemos em seu contexto de produção. E no conto em questão a AIDS e suas diversas características são a metáfora da morte, pois naquela época qualquer pessoa que era diagnosticada com a doença era considerada condenada à morte, num curto intervalo de tempo.

---

<sup>4</sup> A obra original foi publicada em 1988, mas nesse trabalho foi utilizada uma reedição publicada pela editora Nova Fronteira, em 2010.

O conto *Dama da noite* nos narra a história de uma personagem andrógina, pois durante a narrativa o leitor fica a pensar se a personagem é um gay, uma travesti, uma prostituta decadente, ou algo do tipo. Essa personagem recebe o nome de Dama da noite. O conto é uma espécie de monólogo, mas ela se dirige a um interlocutor imaginário a quem chama de *boy*. Toda a narrativa faz uma crítica à sociedade da época, ao capitalismo, à exclusão, à decadência da sociedade daquele período.

O próprio título do conto constitui um processo metafórico, pois dama da noite se refere a uma flor arbustiva e de cheiro enjoativo, geralmente as pessoas atribuem seu cheiro ao cheiro de flores de velório. Ela só abre à noite e se fecha ao amanhecer, a imagem da flor pode ser vista como metáfora da morte: *MORTE É ESCURIDÃO, NOITE* – momento em que a flor se abre e exala seu perfume enjoativo; nesse caso, para entendermos o processo metafórico, precisamos recorrer às nossas experiências do sentido, o cheiro da flor e relacionar esse cheiro ao cheiro de velório, remetendo-nos à morte. A metáfora abordada é considerada sensorial, pois seu entendimento depende de uma relação feita por um dos nossos sentidos, o olfato.

Outra construção metafórica presente na narrativa é a doença (AIDS) como metáfora da morte: *MORTE É AIDS*, partindo do domínio-fonte, nesse caso a AIDS, busca-se entender o que é a morte. E baseando no contexto daquela época, a experiência que as pessoas tinham com a AIDS era das piores possíveis, além de não ter medicação que amenizasse a situação do paciente, o preconceito e a exclusão eram muito grandes, as pessoas portadoras eram vistas como aberrações.

Dessa forma, AIDS é personificada tal qual a morte, o que Lakoff e Johnson (1980) chamam de metáfora ontológica: “As metáforas ontológicas mais óbvias são aquelas que o objeto físico se especifica como uma pessoa. Isso nos permite compreender uma ampla diversidade de experiências com entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas” (LAKOFF; JOHNSON, p. 71), ou seja, a AIDS era vista como um ser que vinha e ceifava a vida da pessoa. E naquela época era uma forma muito agressiva de ceifar, pois como ainda não havia um tratamento que amenizasse os efeitos do vírus no corpo da pessoa, a doença consumia a pessoa de uma forma deplorável.

Em determinado momento da narrativa, a personagem principal como uma metáfora: *DAMA DA NOITE É A AIDS*, como podemos perceber no seguinte trecho da narrativa:

Eu sou a dama da noite que vai te contaminar com seu perfume venenoso.  
Eu sou a flor carnívora e noturna que vai te entontecer e te arrastar para o seu jardim pestilento. Eu sou a dama maldita que, sem nenhuma piedade, vai te poluir com todos os líquidos, contaminar teu sangue com todos os vírus. (ABREU, 2010, 114).

Para entendermos como se dá essa metáfora basta recorrermos às formas de como a AIDS é transmitida, pois algumas dessas formas é o contato entre líquidos: sêmen, sangue, lubrificação vaginal etc. Toda a construção da narrativa serve para percebermos como a morte, nesse caso decorrente da AIDS, é conceptualizada pela personagem:

A morte é muito feia, muito suja, muito triste. [...] Feia, tão feia a morte, boy. A pessoa fica meio verde, sabe? Da cor quase assim desse molho de espinafre frio. Mais clarinho um pouco, mas isso nem é pior. Tem uma coisa que já não está mais ali, isso é meio triste. Você olha e o corpo fica assim que nem uma cadeira. Uma mesa, um cinzeiro, um prato vazio. Uma coisa sem nada dentro. Que nem casca de amendoim jogada na areia, é assim que a gente fica quando morre, viu, boy? E você já descobriu que um dia vai morrer. (ABREU, 2010, p. 114, 116)

Pela passagem da narrativa, podemos perceber o conceito de morte através das seguintes metáforas: *MORTE É FEIA*; *MORTE É SOLIDÃO*, *MORTE É TRISTEZA*, *MORTE É VAZIO*, *MORTE É AUSÊNCIA*, *MORTE É DESPREZO*. Todas essas metáforas foram construídas a partir da experiência que a personagem tem sobre os domínios-fonte: tristeza, vazio, ausência, desprezo, e todas essas experiências eram vividas por quem viveu ou conviveu com a AIDS, doença que metaforiza a morte nesse texto, ou seja, a grande Dama da noite do conto de Caio Fernando Abreu (2009).

### **2.3. CANTO PARA MINHA MORTE: uma vassalagem à grande dama**

Lançada em 1976, no álbum *Há dez mil anos atrás*, a música *Canto para minha morte*, do cantor e compositor Raul Seixas (1976), apresenta-nos possibilidades de entender um pouco mais sobre metaforização e conceptualização. A letra da música é uma espécie de vassalagem rendida à morte. Em toda a letra percebemos a dualidade vida/morte, pois, como nos afirma Espírito Santo:

Vida e morte serão então representadas por uma multiplicidade de metáforas: a vida tem objetivos e metas a serem atingidas. Metaforicamente, objetivos são metas e os meios para atingir os objetivos ou caminhos. Quando pensamos em vida, pensamos em uma meta a atingir tendo esta meta um caminho que

percorrer com direção a este objetivo, o que torna a vida uma jornada ou uma viagem. (ESPÍRITO SANTO, 1998, p. 85)

Essa ideia de vida enquanto uma jornada se faz presente logo no início da canção: “Eu sei que em determinada rua que eu passei/ Não tornará a ouvir o som dos meus passos” (SEIXAS, 1976, s/p)<sup>24</sup>. Ao usar rua que eu passei, podemos perceber a explanação sobre algumas experiências do cotidiano: falar das suas andanças, lugares por onde passou e que, certamente, não voltará mais. Esse trecho nos dá a possibilidade de conceitualizar a vida através da seguinte metáfora: *VIDA É JORNADA*. Para entendê-la partimos do domínio-fonte que é a jornada, quais características e experiências temos de jornada: deslocamento, movimento, estabelecimento de metas e objetivos a serem alcançados, entre outros. Desta forma, entendemos a vida como algo em movimento que parte de um ponto (nascimento) e chega a outro (a morte), e nesse intervalo de tempo buscamos realizar sonhos, alcançar metas, ou, redundantemente falando, viver a vida intensamente.

Sendo assim, ao tecer uma vassalagem à morte, a letra da música aborda a imagem dela como uma espécie de metáfora da vida, ou mais ainda como um incentivo a viver intensamente. Pois, como nos afirma Morin (1976), a imagem da morte, numa primeira vista, é uma forma de vida, que prolonga, de uma forma ou de outra, a vida individual, sob essa óptica não é uma ideia, mas sim uma imagem, a morte como metáfora da vida. Além do mais:

Efetivamente, a morte, nos vocabulários mais arcaicos não existe como conceito: fala-se dela como um sono, de uma viagem de um nascimento, de uma doença, de um acidente, de uma entrada para a morada dos antepassados e, o mais das vezes, tudo ao mesmo tempo. (MORIN, 1976, p. 25)

Com base no pensamento de Morin (1976), percebemos que não há como experienciar a morte empiricamente para depois falarmos dela. A nossa experiência surge da convivência com pessoas que perderam seus entes queridos, ou com nossas próprias perdas. Mas, é justamente o fato de sabermos que um dia a experienciaremos que nos faz vê-la como algo que nos ronda, criando as metáforas: *MORTE É SER VIVO*, *MORTE É SER HUMANO*, *MORTE É LADRÃO*, pois nos tira, rouba a vida, ela vem sem avisar, como fica claro na seguinte passagem da música:

---

<sup>5</sup> As citações referentes à letra da música se encontram sem página, porque o documento está online, e sem paginação, por isso apresentará apenas o ano em que a canção foi lançada.

Tem uma revista que guardo há muitos anos/ E que nunca mais eu vou abrir/  
cada vez que eu me despeço de uma pessoa/ Pode ser que essa pessoa esteja me  
vendo pela última vez/ A morte, surda, caminha ao meu lado/ Eu não sei em  
que esquina ela vai me beijar / Com que rosto ela virá? (SEIXAS, 1976)

Pelo trecho da narrativa podemos identificar outras metáforas que contribuem para a conceptualização de morte pelo eu lírico, há, por exemplo, a personificação da metáfora ontológica, ou seja, a morte é comparada a uma pessoa: *MORTE É SER VIVO*, *MORTE É SER HUMANO* (em que esquina ela vai me beijar, com que rosto ela virá), para compreendermos essa metáfora necessitamos recorrer às experiências que temos com o nosso próprio corpo, em especial os órgãos do sentido: o paladar – a boca, o gosto do beijo; e a visão – o olho, ver o rosto dela.

É possível também encontrar outros exemplos em que a morte é personificada, no momento em que o eu lírico clama pela vinda dela, mas que seja uma chegada tardia: “Vou te encontrar, vestida de cetim/ Pois em qualquer lugar / Esperas só por mim/ e no teu beijo/ Provar teu gosto estranho/ Que eu quero e não desejo/ Vista-se com a tua mais bela roupa quando? Vier me buscar” (SEIXAS, 1976), nesse processo de personificação o eu lírico cria outra metáfora: *MORTE É ENCANTAMENTO/MORTE É SEDUÇÃO*, pois é perceptível o fascínio pela morte, o desejo de experienciá-la. Essa metáfora é oposta da imagem do ceifador, um ser vestido numa túnica negra, com rosto cadavérico, e que tem uma enorme foice nas mãos para ceifar vidas. A imagem do ceifador é acionada em nosso arsenal cognitivo para estabelecermos a oposição com a imagem da morte presente na letra da música de Raul Saixas (1976).

Em toda a letra da referida música fica clara a sedução pela morte, o grande desejo de experimentá-la, mas com o intuito de se eternizar, pois como afirma Morin (1976, p. 25): “É impossível não se ficar impressionado pela força, talvez devêssemos dizer pela universalidade da crença na imortalidade”. E esse é o desejo de todos, de uma forma ou de outra se imortalizar. Haja vista o ditado popular de que para ser feliz é necessário plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Na verdade essas são formas de driblarmos a morte e nos eternizar de alguma forma. Na mitologia grega diz-se que para se vingar de Chronos, o deus do tempo, devorador de seus próprios filhos deve-se escrever, pois a escrita é uma forma de imortalização.

E esse desejo de imortalização cria a metáfora: *MORTE É PERCURSO QUE NÃO SE CONCLUI*, e ela está presente no seguinte trecho da música:

Que meu corpo seja cremado/ E que minhas cinzas alimentem a erva/ E que a erva alimente outro homem como eu/ Porque eu continuarei neste homem/ Nos meus filhos/ Na palavra rude que eu disse a alguém que não gostava/ E até no úisque que eu não terminei de beber/ Aquela noite. (SEIXAS, 1976)

A metáfora da morte como imortalização pode ser depreendida de uma única palavra que está presente no trecho citado: cinzas. Mas, essa mesma palavra também pode criar as metáforas *MORTE É FIM*, *MORTE É CASTIGO*. As interpretações dependem dos domínios que temos e ativamos no momento de interpretarmos o sentido das cinzas na letra da música.

• 1º. *MORTE É FIM*, *MORTE É CASTIGO*, para essas interpretações acionaremos nossos conhecimentos acerca das leituras bíblicas, pois o uso dessa palavra está presente, principalmente no Antigo Testamento e representa a morte, a penitência e também o castigo, pois em muitas narrativas bíblicas, as cidades eram queimadas e transformadas em pó, para que as pessoas se arrependessem dos seus pecados. Outro exemplo disso é o ritual católico que acontece na Quarta-feira de Cinzas, nessa cerimônia são distribuídas as cinzas feitas com os ramos usados no *Domingo de Ramos*<sup>25</sup> do ano anterior. A receber as cinzas, ouvimos, arrependei-vos e credes no evangelho, mostrando-nos que do pó viemos e ao pó retornaremos (na concepção de origem bíblica);

• 2º. *MORTE É PERCURSO QUE NÃO SE CONCLUI*, mas não numa visão imortalidade que se refere a jamais morrer, pois “a eternidade é uma noção abstrata e tardia. A morte é, portanto, à primeira vista, uma espécie de vida que prolonga, de uma forma ou de outra, a vida individual” (MORIN, 1976, p. 25). Dessa forma, a metáfora acima citada pode ser compreendida na palavra cinzas, isso ocorre da seguinte forma de conceitualização, acessando nossos conhecimentos acerca da simbologia. No *Dicionário dos Símbolos*, Chevalier (2012) define cinzas não apenas como nulidade, mas principalmente como o símbolo do ciclo do eterno retorno. E, ao falar desse ciclo já nos abre a possibilidade e relação a outro símbolo que é a serpente ourobórica que é uma criatura mitológica, representada por uma cobra que morde a própria cauda, formando um ciclo, que representa o ciclo da vida, o infinito, o nascimento, a morte e a ressurreição.

---

<sup>6</sup> O Domingo de Ramos é uma festa cristã celebrada num domingo Antes da Páscoa. A festa representa a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. É o início da chamada Semana Santa, a última semana de vida de Jesus. Popularmente é também conhecida como semana das dores.

A música de Raul Seixas (1976), ao render sua vassalagem à morte, essa figura misteriosa e encantadora, que amedronta, mas também instiga, proporcionou-nos as mais diversas possibilidades de conceptualizar a morte de diferentes formas, utilizando as mais diversas metáforas e expressões metafóricas, estas, para serem interpretadas nos fizeram acionar os mais diversos conhecimentos para o mapeamento dos sentidos que elas podem expressar.

### **3. Conclusões**

Ao realizar esse trabalho, ficou claro que a metáfora, antes vista apenas como uma figura de linguagem ganhou uma nova acepção no âmbito dos estudos da linguagem, especialmente à Semântica Cognitiva. A metáfora faz parte dos nossos processos de compreensão, produção e interpretação de sentidos, dando-nos a possibilidade de, através de construções metafóricas, entender e explicar o mundo que nos cerca.

A teoria de Lakoff e Johnson (1980) muito tem contribuído e contribuirá nos estudos acerca da teoria da metáfora, pois foi graças aos estudos deles que deixamos de vê-la apenas como um fenômeno de linguagem, de ordem direta, pois, mais que um ornamento de linguagem, a metáfora desempenha importante papel nos processos de conceptualização que fazemos diariamente. Além do mais, os estudos dos referidos teóricos, sob a luz do cognitivismo, põem em xeque aquela velha concepção de dualidade mente e corpo, pois, agora, conceptualizamos a mente corporificada, e os sentidos são dados a partir das experiências que temos.

Os textos nos possibilitaram investigar diversos processos de metaforização da morte, entendendo desde as metáforas estruturais às metáforas ontológicas e personificadas: *MORTE É SOLIDÃO*, *MORTE É ABANDONO*, *MORTE É PENITÊNCIA*, *MORTE É SER HUMANO*. Percebemos que essas metáforas não são apenas um recurso de linguagem, mas diversas formas que utilizamos para conceptualizar, explicar e entender a enigmática e sedutora imagem da grande dama, a MORTE.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. *Dama da noite*. In: \_\_\_\_\_. *Os dragões não conhecem o paraíso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. de Ana Maria Valente. 3. ed. Berna: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da Língua Portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Dicionário Michaelis online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=8aZmo>> acesso em 14/11/2016, às 22h31min.

LAKOFF, George; JOHNSO, Mark. *Metáforas de La vida cotidiana*. 2. ed. Disponível em: <https://www.textosenlinea.com.ar/academicos/Lakoff%20y%20Johnson%20-%20Metaforas%20de%20la%20vida%20cotidiana%20-%20Seleccion%20de%20Caps.pdf>> acesso em 20/10/2016, às 08h30min.

MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. In: *Revista Veredas*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo45.pdf>>acesso em 10/11/2016, às 21h00min.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1976.

ESPÍRITO SANTO, Rosana Silva do. *Morte: uma jornada por várias obras*. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de, (Org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte. Ed. Do autor, 1998.

SONTAG, Susan. *Aids e suas metáforas*. Trad. de Paulo Henrique de Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Ricardo > acesso em 21/09/2016, às 14h00min.

SEIXAS, Raul. *Canto para minha morte*. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/canto-para-minha-morte.html>> acesso em 10/11/2016, às 11h00min.



TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do sol. In: \_\_\_\_\_. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZANOTTO, Mara S. T. Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de, (Org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte. Ed. Do autor, 1998.